

O Sotaque francês da música popular brasileira

The French accent of Brazilian popular music

Laura Taddei Brandini
Universidade Estadual de Londrina
laurabrandini@yahoo.com

Resumo: O livro *A França na música popular brasileira do século XX*, de Nancy Alves, oferece ao leitor uma interessante viagem pela história cultural brasileira colocando em relevo o papel fundamental da cultura francesa para a constituição e consolidação do samba. A obra resgata episódios pouco conhecidos e de grande relevância para nossa História, lançando luzes sobre a importância dos diálogos culturais que perpassam a construção da música brasileira na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira; Relações Brasil-França; História da Cultura.

Abstract: The book *France in Brazilian popular music of the 20th century*, by Nancy Alves, offers an interesting journey through Brazilian cultural History, highlighting the fundamental role of French culture in the constitution and consolidation of samba. The work rescues little-known episodes of great relevance to our History and evidences the importance of cultural dialogues that permeate the construction of Brazilian music in the first half of the 20th century.

Keywords: Brazilian Popular Music; Brazil and France Relationship; History of Culture



Uma viagem musical por duas culturas

Lançamento do ano pandêmico de 2021, *A França na música popular brasileira do século XX*, de Nancy Alves, oferece ao leitor uma verdadeira viagem musical pelas culturas francesa e brasileira, um oásis num momento em que a circulação se tornou uma ação não livre de perigos. Originário de um trabalho acadêmico de fôlego, o livro alia seu caráter informativo e reflexivo a uma linguagem fluida, de agradável leitura, que o credencia tanto para os pesquisadores, quanto para os leitores interessados em conhecer esse aspecto da cultura brasileira em suas imbricações com a França. Tendo uma listagem detalhada das canções que compõem o *corpus* e ricamente ilustrado com desenhos e fotografias de época, de excelente qualidade de impressão, o livro também faz as vezes de um catálogo de imagens, que enriquece a história cultural do Brasil da primeira metade do século XX, contada através dos diálogos travados entre a música popular brasileira e a cultura francesa.

O *corpus* escolhido por Nancy Alves é, portanto, a música popular brasileira do século XX em sua acepção particular: não se trata do que hoje se conhece como MPB, nem mesmo da MPB

inspirada no partido político MDB, Movimento Democrático Brasileiro, de oposição à ditadura militar, [que] passou a designar, a partir dos anos 70, um tipo de música urbana, de origem universitária, politicamente engajada, que tinha como propósito oferecer franca resistência ao regime militar. (2021, 36)

A autora define a música popular como aquela “que passou a ser veiculada e consumida no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, com a introdução da

indústria fonográfica (1902) e das transmissões radiofônicas (1923)” (2021, 33). Em outras palavras, trata-se de uma música eminentemente urbana e enriquecida com elementos oriundos de diferentes gêneros musicais e culturas.

Nesse quadro, a cultura francesa recebe destaque e constitui o centro de interesse da pesquisa de Nancy Alves. Brito Broca, autor de *A Vida literária no Brasil – 1900*, com muito humor, constata, entre o final do século XIX e o início do XX, a existência de uma certa doença, difundida entre artistas, intelectuais e aristocratas, nomeada “parisina”, “cujos sintomas consistiam em ignorar o Brasil e suspirar por Paris” (1960, 92). Analisando esse interesse exacerbado pela cultura francesa, Pierre Rivas observa a troca de modelo para as elites brasileiras, ainda no século XIX, quando se abandona a cultura portuguesa e se instaura a cultura francesa, mais especificamente parisiense, em seu lugar. Nos dizeres de Rivas,

O seu prestígio [de Paris] era grande sobre as elites crioulas, cuja corrente modernizadora, tanto na Espanha como em Portugal, reclamava, ela própria, o modelo francês; daí a tentação dessas jovens nações de beberem diretamente na fonte francesa. Como as revoluções nacionais se faziam contra a península e sobre o modelo francês de ruptura violenta, do “Novo Mundo”, do início absoluto, impunha-se a homologia francesa. Cortar o cordão umbilical ibérico devia conduzir à elaboração de uma nova filiação, adotiva, para a construção da identidade nacional. Assim se constrói uma genealogia mítica, diferente do modelo ibérico renegado, mas necessariamente próxima do modelo requerido, em seus fundamentos e em seu imaginário. (2005, 119)

Esse movimento de transferência de modelo cultural se evidencia com o papel da cultura francesa na música popular brasileira, historiado e analisado por Nancy Alves. Sua pesquisa aponta para o valor cultural agregado pelo emprego de palavras, expressões e, de um modo geral, da língua francesa – ou de uma imagem da língua francesa, pelo uso de palavras pronunciadas como oxítonas – nas canções brasileiras do período estudado (1909-1962). Tal processo de apropriação se dá mutuamente, ou seja, tanto a cultura francesa se apropria da música e da dança brasileiras, como ocorre com o maxixe, quanto a cultura brasileira incorpora a língua francesa como forma de reverência, mesmo que satírica, irônica, à cultura francesa.

O maxixe brasileiro desembarca em Paris com a dupla de dançarinos *Os Geraldos*, nos idos de 1910, fazendo enorme sucesso. Pavimentam o caminho para *Os Oito Batutas*, grupo musical comandado por Pixinguinha que, em 1922, leva à capital francesa a novidade do samba, incluindo instrumentos de percussão. Apresentam-se principalmente no *Dancing Shéhérazade*, com um contrato de um mês que, em razão do sucesso imediato, alonga-se por mais cinco. Para se tornar mais palatável ao gosto francês, Nancy Alves conta que “Pixinguinha e Duque compuseram o samba-maxixe intitulado *Les Batutas*, totalmente em francês, com versão de Duque. A canção parece nunca ter sido gravada na íntegra, porém parte da letra, tendo resistido ao tempo, foi mais tarde lançada por J. Thomas, em 1929, sob o título de *Sarambá* [...]” (2021, 107-108).

Esse gesto demonstra, ao mesmo tempo, uma estratégia do grupo para ser aceito pelo público francês e, ao retornar ao Brasil, uma credencial de valor: um gênero musical brasileiro com o verniz francês, cuja letra termina com o convite: "Dancez le samba" [Dance o samba]. Ora, em uma sociedade francófila, acometida de "parisina", algo dito em língua francesa tinha sempre uma receptibilidade maior, principalmente na aristocracia e na pequena burguesia endinheirada que aspirava ao reconhecimento social. Em suma, conforme explica Rafael Menezes, citado no livro,

Segundo explica [Rafael Menezes], após essa excursão, houve uma mudança não apenas no paradigma estético-musical do país – que passou a aceitar a música popular feita por mestiços como autenticamente brasileira –, como também na maneira de se visualizar o papel do negro na sociedade brasileira de modo geral. (2021, 102)

A importância do sucesso dos *Oito Batutas* ultrapassou o âmbito musical, espalhando-se pela cultura como um todo, tocando até mesmo no reconhecimento do papel fundamental dos negros na constituição da identidade brasileira, como a citação acima evidencia. E um dos maiores méritos do livro de Nancy Alves é justamente resgatar e divulgar essa parte da história de nossa cultura.

A história do sotaque francês na música popular brasileira continua pela Era Vargas (1930-1945) e encontra a ideologia do trabalhismo a serviço do nacionalismo, que transforma o elemento estrangeiro dos sambas e maxixes em objeto de sátira, por meio do emprego da paródia, principalmente. O estrangeiro, antes reverenciado, em meio à onda nacionalista, torna-se ridículo e a língua francesa é apresentada como um arremedo de linguagem, como a autora explica:

No nosso caso, o efeito parodístico, a voz dentro da voz, bem como o desvio à norma culta da língua francesa constituem-se em processos de carnavalização. Em termos linguísticos, pode-se dizer que a mimetização da língua francesa por meio da paródia é uma carnavalização. E é neste sentido que devemos compreender a inserção da língua francesa no discurso musical da canção popular brasileira, supostamente escrita e concebida em língua portuguesa, materna: um jogo lúdico, uma caricatura humorística, brejeira, muito conectada aos anseios da época. Percebe-se muitas vezes que a língua francesa representada é tão-somente uma mistura de sons embotados que buscam imitar o idioma francês, porém destituída de significado, uma falsa língua "passando-se" por verdadeira. Trata-se de uma farsa, de uma simulação (2021, 191).

A compreensão do contexto histórico é essencial para o leitor que continua sua viagem guiado por Nancy Alves, uma vez que se destacam, nas músicas analisadas, as figuras do malandro, do operário e do burguês afrancesado: o último é motivo de chacota em um momento em que impera o nacionalismo, contraposto pelo malandro, tido como "brasileiro genuíno", por um lado, mas, por outro, esse mesmo malandro representa a transgressão, a marginalidade e é o antagonista do operário, símbolo do ideário trabalhista da época.

As relações entre essas figuras que representam valores de um dado momento histórico tornam-se mais complexas nos sambas, como a autora sintetiza: “Com efeito, o samba, de natureza anárquica e antitrabalhista, oscila entre o mundo do ócio (a preguiça, a vadiagem) e o mundo do trabalho (a classe dominante x o operariado), entre o samba da malandragem (antioficial) e o da legitimidade (de adesão ao trabalhismo), entre o falso e o verdadeiro, a realidade e a fantasia” (2021, 199).

Na viagem musical proposta pelo livro, realidade e fantasia parecem se equivaler, quando pensamos na já longínqua trajetória francesa dos pioneiros *Os Geraldos* e *Os Oito Batutas*, e falso e verdadeiro parecem não ter mais sentido quando se pensa no malandro ocioso que se opõe ao burguês trabalhador e afrancesado. O samba brasileiro não só comporta dicotomias, mas acolhe paradoxos e se metamorfoseia pelo caminho da História, sempre com muito humor e um inconfundível sotaque francês, como a agradável leitura de *A França na música popular brasileira do século XX* evidencia.

Referências

- Alves, Nancy. 2021. *A França na música popular brasileira do século XX. Visões e impressões de sambistas e chansonniers*. Curitiba: Brazil Publishing.
- Broca, Brito. 1956. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Rivas, Pierre. 2005. *Paris como capital literária da América Latina. Diálogos Interculturais*. São Paulo: Hucitec, 118-140.